

TIRADENTES E A UNIDADE NACIONAL

Trabalho de uma Equipe de Alunos do Curso de Engenharia do CPOR/SSRM — Classificado em 1.º lugar

“Prescindir do direito de um povo depor e abolir um governo que não lhe garanta a liberdade individual, é cair num caos profundo. Isto advém pura e simplesmente do fato de ser sagrada a existência do homem e não menos sagrado seu pensamento.

Homens todos são iguais e igualmente dignos de cooperar na administração pública. A liberdade é um direito que assiste a todos e a cada um individualmente.” Eis a verdade nua e crua, em defesa da qual subira ao cadafalso Joaquim José da Silva Xavier.

Nascido na fazenda do Pombal, entre S. José (hoje Tiradentes) e S. João del Rei, muito cedo viu defrontar-se-lhe a luta. Aos onze anos o véu negro da morte estendeu o lúgubre manto sobre seu querido pai. A tamanha perda juntou-se-lhe a incógnita do futuro. O menino feio de olhos esbugalhados viu-se então na contingência de ganhar o mundo; o seu mundo, cheio de altos e baixos, perpassado de contrastes e confrontos.

No mar tempestuoso de sua vida conheceu sucessivamente as artimanhas do mascate; o sofrimento do minerador; a sublimidade espinhosa da medicina prática; a perícia de um dentista famoso; os domínios da

hidráulica e a disciplina intransigente de um regimento de cavalaria, onde fôra Alferes. Nesta última profissão mostrou-se de um destemor digno de nota.

A eficiência a tôda prova valeu-lhe do governador Luís Meneses da Cunha, o cognome de “A Inteligência Mineralógica”.

O Brasil era nesta época um palco de descontentamento. Os pesados decretos do Reino pareciam provocar o desencadear do mais horrendo dos cataclismos.

O coração bem formado e a alma de escol de que era possuidor o Alferes de Cavalaria, deram-lhe logo consciência do então lamentável estado de coisas e da necessidade imperiosa de agir e provocar uma súbita eclosão na alma da terra. Os anos sucediam-se. O espírito de insatisfação e indignação pelos altos impostos e pesadas exigências, não obstante a censura do Reino, era formidável. Com o desenrolar dos fatos a tensão foi criando vulto. Tiradentes, o descontente de natureza, o mazombo como o denominavam os reinóis, com fumaças de liberdade e pruridos de autonomia entrou em contato com alguns estudantes nacionais, então cursando estudos superiores no além-mar. Estudantes êstes portadores das idéias

revolucionárias que infestavam a Europa. É por meio dêles e especialmente por intermédio de José Alvares Maciel que chega a um conhecimento mais profundo das idéias e filosofia vigentes na França e nos Estados Unidos a pouco tornado independente. Dos Estados Unidos conseguira mesmo uma constituição que sempre o acompanhou em tôda campanha. A Filosofia de Loke, estampada na sua teoria dos três poderes constituía em última análise a base de todo movimento revolucionário. O povo suspirava por uma democracia liberal.

Desde então, Joaquim José da Silva Xavier não mais se permitiu descanso. Discípulos de classes diversas uniram-se a êle, seguindo-lhe as pegadas. Tiradentes, pobre e sem categoria social, era no entanto o mais inflamado de todos e em tôrno de quem se desenrolavam todos os acontecimentos de reacção. Não mais via o riso de seus contemporâneos em tôrno de sua figura desproporcionalmente feia, nem o desprezo que lhe voltavam os poderosos. Conscientizara-se de que a república era a liberdade e a liberdade a aspiração de todos os brasileiros. Imbuídos destas idéias transformou-se como num sonhador platônico. Seu viver era já função das aspirações de seu povo. A sua alma viva e empreendedora pranteava o solo ao relancear o olhar para a imensidão do campo. Via a terra fértil reclamando braços de filhos livres e amorosos que lhe rasgassem o seio e a fecundassem, e a tornassem uma grande pátria, bendita e forte.

Convicto de que nossa pátria só seria grande quando se tornasse in-

tegral e intransigentemente Brasil, começou a agir.

Sua palavra vibra então por tôda parte com igual veemência. Nas estradas como nas ruas das cidades; nos adros das igrejas como nos pálios dos palácios. Nesta luta acérrima pela independência unificada não mede esforços. Desconhece o viú para nascer. Não poupa renúncias para solidarizar e amalgamar no mais íntimo resfólho da alma brasileira o mais puro dos nacionalismos.

O inconfidente mineiro, mártir supremo de nossa Independência, amou profundamente a terra em que nasceu, mas ainda mais amaria como sonhava vê-la: "Unidade Livre".

Pugnara veementemente por um Brasil Uno na aparência e na realidade, no seu corpo e na sua alma. Pugnacidade esta que o levou a derramar gôta a gôta o sangue quente de patriota nato. A palavra Independência só tinha para êle o conteúdo político não se desvinculasse d econômico. Queria harmonizado o aspecto interior com o exterior e geográfico, constituindo um todo único.

Unidade moral caracterizada pela língua. De Norte a Sul, de Leste a Oeste, brasileiros falando a mesma língua quase sem variações dialetais. Unidade caracterizada ainda pela religião e costumes. Objetividade no conjunto dos elementos construtivos da economia da produção, do trabalho, da indústria e do comércio. Unidade intelectual identificada na formação e na cultura. Unidade política manifestada na comunidade de idéias, de sentimentos e de interesses da população.

Enfim o que ressalta aos olhos de todo observador: unidade física afirmada na continuidade do território. A ausência de grandes lagos; montanhas servindo como fator de unidade; rios aproximando as populações.

A Unidade Nacional que hoje desfrutamos sob a sagrada Ordem e Progresso é, pois, uma força que nos vem das brumas de um passado inesquecível. É reflexo da própria Inconfidência. Verdade é que o batismo recebera-o em a Colina do Ipiranga, naquela voz estentórea de INDEPENDÊNCIA OU MORTE, mas não é menos verdade ter sido ele uma consequência da Revolução de Tiradentes. Batismo pressupõe nascimento, e este não o encontramos senão na pugnacidade de um Tiradentes.

Joaquim José da Silva Xavier fôra a pedra angular no edificio da unidade nacional. Objetarão alguns: Felipe dos Santos o precedeu em tal luta... Sim, talvez, tenha mesmo sido seu precursor, mas a verdade é que o significado histórico é totalmente diverso.

Da revolução de Tiradentes poder-se-á negar tudo, mas isto não se lhe negará jamais: "... Foi o sistema seguramente mais bem definido e acentuado, acusador de que só a força se conseguiria de fins do século XVIII em diante, manter no Brasil o domínio português. Mas, em que pese a seu e a nosso favor a desdita, Tiradentes não teve o prazer de ver o sonho realizado. Não teve a satisfação de ver desfaldar o vento naquela bandeira que além dos três triângulos, estamparia o índio ou gênio da América, o célebre verso de Virgílio: "Li-

bertas que sera tamen" (liberdade mesmo que tarde).

Estusiasta, sonhador, apaixonado e sobretudo impetuoso, não cuidou de que entre os que a seu lado se diziam defensores dos direitos inerentes à pessoa humana, pudesse haver um traidor. E o inesperado aconteceu. Joaquim Silvério dos Reis, sendo devedor de grande soma à Fazenda Nacional, qual execrável Judas, se fizera delator, vendendo fria e impiedosamente a vida de seus concidadãos, por algumas condecorações e alguns réis anuais. Infame covardia que o sangue mártir clama até nossos dias.

Prêso e encarcerado, o herói da nossa Independência, mesmo após três anos de pesadas algemas, deixara resplandecer na frente altiva o olhar esperançoso. Enquanto os companheiros de infortúnio lançavam-se deprecações mútuas, mantinha a serena confiança de quem se afoita pela mais nobre das causas.

Pronunciada a sentença, fôra o único considerado indigno da clemência régia. Regozijava-se no entanto com os demais, tomando sobre si tôda culpa. Temos assim mais uma prova evidente de ter sido ele a mola propulsora de todo movimento. A 21 de abril de 1792 subira ao patíbulo sem sequer vacilar em um qualquer dos 20 degraus que a êle conduziam.

A profunda fé em Cristo, consolidada desde o berço, terá por certo suavizado as agruras da prisão e lhe terá dado aquela força, aquela coragem ímpar para enfrentar com tão espantosa firmeza o patíbulo imolatório.

Já pendente na corda, aos olhos do mundo parecia ter morrido, mas êle vivia. Vivia no peito de cada um

dos que conseguira inflamar com a chama do seu idealismo e o espírito de luta.

Joaquim José da Silva Xavier fôra um dos maiores arquitetos de todos os tempos; fôra o arquiteto que trabalhando fagulhas de inteligências as transformou em elemento operoso de criações monumentais.

Haste trigal viçosa, alastrando em o farfalhar ao vento o sagrado aroma da liberdade, igualdade e fraternidade.

Haste florida, verdejante, portadora de sempre novas esperanças para a colheita.

Tiradentes, foi e continua sendo o grão substancial de trigo; pois o trigo é o pão que nos alimenta o corpo e é ao mesmo tempo a hóstia que nos alimenta a vida espiritual.

Joaquim José da Silva Xavier foi numa palavra o homem qualidades

heróicas cuja vida não passou de uma luta incansável e cuja morte foi o despertar de uma consciência Nacional.

Fontes de Consulta:

Tesouro da Juventude
Enciclopédia Britânica
História do Brasil (Armando Souto Maior)
História do Brasil (R. P.)
Dicionário Ilustrado Universal

Trabalho executado pela equipe composta dos seguintes alunos do Curso de Engenharia do CPOR de Curitiba.

Eloir César Paleare
Carlos Afonso Gotchuld
Richard Peroto
Eron Marcos do Prado
Sérgio Paulo Cavet
Delcio Antonio Tesser